

# Indisciplina como ferramenta, ou como arma



*Gabriel Gonzaga*

Doutorando em História pela Universidade Federal do Estado  
do Rio de Janeiro (Unirio). gabrielgonzaga93@hotmail.com

## Indisciplina como ferramenta, ou como arma<sup>1</sup>

Indiscipline as a tool, or as a weapon

*Gabriel Gonzaga*

AVILA, Arthur. *A História no labirinto do presente: ensaios (in)disciplinados sobre teoria da história, história da historiografia e usos políticos do passado*. Vitória: Milfontes, 2021, 202 p.



*A História no labirinto do presente* é o primeiro livro que o historiador Arthur Avila assina sozinho. Professor na graduação e no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Avila possui uma formação voltada para a área de História da América, História dos Estados Unidos, História da Historiografia e Teoria e Filosofia da História. Sua tese sobre a historiografia dos Estados Unidos e a questão da fronteira ao Oeste (temática que sempre retorna em seus textos) venceu o prêmio Capes de melhor tese em História, em 2012. Seu recente trabalho, publicado pela Milfontes, é resultado de um circuito de debates iniciados em meados de 2015, em meio à crise política da Nova República, a exemplo dos seminários realizados em Porto Alegre até 2018.<sup>2</sup> Nesse entremeio, Avila escreveu e interveio em diversas oportunidades, a partir de artigos, de entrevistas e de falas públicas e em canais digitais, sobre o significado da indisciplina histórica. Seu livro reúne suas principais produções desse período, com o adendo de dois capítulos inéditos.

Avila é um historiador recém-inserido entre as referências nos debates da Teoria da História. Junto dele, poderíamos nomear outros/as que comparecem nos mesmos círculos sociais e intelectuais. Eles/as estão entre os/as herdeiros/as de José Honório Rodrigues e Manoel Salgado Guimarães, dois entre os nomes que institucionalizaram o debate da História da Historiografia no Brasil. Essa “segunda geração”<sup>3</sup> de teóricos/as herdou as bases epistemológicas e metodológicas da geração anterior e trabalhou arduamente pela criação de associações e congressos que, hoje, alicerçam uma subdisciplina. Indepen-

<sup>1</sup> Confesso que esta resenha se valeu de muitas conversas com amigos/as, mais do que sou capaz de lembrar. Agradeço especialmente a Vicente Detoni, Allan Pereira, Sandro Marques e Pedro Batistella por lerem versões anteriores a este texto e contribuírem com correções e palavras de incentivo, aos quais acrescento um dos pareceristas mobilizados pela editoria da *ArtCultura*, que formulou sugestões bastante pertinentes.

<sup>2</sup> Ver a coletânea resultante dos encontros: AVILA, Arthur, NICOLAZZI, Fernando e TURIN, Rodrigo (orgs.). *A História (in)disciplinada: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico*. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

<sup>3</sup> Recordo o texto de editorial de Temístocles Cezar em sua despedida da revista *História da Historiografia*, quando confessa estar entre duas gerações. CEZAR, Temístocles. Geração e/ou gerações? *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 13, n. 34, Ouro Preto, 2020.

dentemente da vontade dos seus membros mais radicalizados, como Avila, atualmente essa subdisciplina compõe uma comunidade fechada e superespecializada. Contudo, arriscaria dizer que certo cansaço se instalou nesse meio, seja pelos/as historiadores/as de outras áreas darem poucos ouvidos ao que esse grupo tem a dizer sobre as práticas disciplinares, seja por um desejo de utilizar as ferramentas teórico-metodológicas aprendidas em projetos ambiciosos que dialoguem com a totalidade da ciência e demais produções de conhecimento. Provavelmente assistimos a um movimento de expansão da “analítica da historicidade” proposta por Valdeci Araújo.<sup>4</sup>

Vejo o projeto de Avila tomar forma nesse contexto, embora compartilhe da mesma herança. A indisciplina<sup>5</sup> é um basta dentro de uma ciência que parece estar convencida de que quanto mais lapidar seu método, melhor enfrentará ataques externos e desgastes internos. Avila está convencido do contrário, e mobiliza uma retórica de manifesto na maioria dos capítulos que integram seu livro. Lembro que o expediente do “manifesto” tem sido usado à exaustão desde os anos 90, como no afamado *Theses on Theory and History* do Wild On Collective<sup>6</sup>, e parte também de um movimento internacional em torno da indisciplinarização da historiografia. Nesta resenha, busco estender tal movimento de “ironização” das bases disciplinares a fim de aproveitar melhor os aparatos que Avila apresenta, bem expressos particularmente nas análises que o autor faz dos debates públicos sobre a história nos Estados Unidos. É desse modo que acredito que a indisciplina de Avila – vista como ferramenta – pode cair nas mãos certas, as dos/as discentes, e deixar de ser somente mais um grito de insatisfação sob o impacto da “destruição” já em curso dos alicerces coloniais da História. Assumo, de partida, que minha geração é outra.

Por indisciplina, Avila compreende um exercício imaginativo que se desprende dos protocolos disciplinares tradicionais, ainda calcados em um “realismo ontológico” que atualiza a todo momento a fé nos métodos e nas fontes. Uma operação saturada e nauseante da pesquisa historiográfica. A principal justificativa para esse revisionismo na “imaginação histórica” é primeiramente política. É o que Avila argumenta no primeiro capítulo, um dos melhores do livro. O historiador detalha um diagnóstico que se tornou lugar-comum nos debates da Teoria da História: as bases políticas que sustentaram a historiografia profissional do século XIX foram desgastadas justamente pelos processos sociais, políticos e econômicos que ela, a disciplina, costuma apelidar de “históricos”. Parafrazeando Avila, os/as historiadores/as que desejam historicizar tudo e todos pouquíssimas vezes historicizam suas próprias práticas. Por conta disso, seguindo o filósofo afro-estadunidense Lewis Gordon, o autor defende a “recuperação da historicidade reprimida” pelos sonhos de imortalidade (p. 21). E, nesse sentido, seu texto assume que a História foi utilizada pelos Estados-nações modernos como um dispositivo de sincronização temporal, uma “tecnologia do *self*”, que dotava a cidadania de uma identidade

<sup>4</sup> ARAÚJO, Valdeci Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 6, n. 12, Ouro Preto, 2013.

<sup>5</sup> Uso o termo numa acepção ligeiramente diferente de Avila, que prefere colocar parênteses e sublinhar a ambiguidade do seu projeto – (in)disciplina. Minha utilização visa enfatizar tensões e conflitos e não apenas a maleabilidade de um regime disciplinar. Esse uso faz parte do modo próprio como leio Avila.

<sup>6</sup> KLEINBERG, Ethan, SCOTT, Joan Wallach e WILDER, Gary. *Theses on Theory and History*. Wild On Collective, 2018. Disponível em <<http://theoryrevolt.com>>. Acesso em 24 nov. 2021.

nacional e buscava empurrar esses indivíduos para o tempo moderno vazio, homogêneo e unidirecional. Em parte, a crise da historiografia se deve ao fato de sujeitos disruptivos, difamados como “identitários”, tensionarem a temporalidade moderna ao afirmarem seus próprios passados ordenados por suas matrizes epistemológicas e ontológicas não modernas ou contramodernas. Por outro lado, é o próprio desenvolvimento tecnológico e econômico do capitalismo que deseja se desfazer das humanidades e automatizar respostas aos problemas que eram originalmente da competência de historiadores/as, sociólogos/as, antropólogos/as, cientistas políticos e adjacentes. A expectativa de resolução na encruzilhada em que se encontra a Nação, e a História, se concentra no Mercado.

É o Mercado, e seu crescente setor de serviços e consumo, que instrumentaliza memórias e narrativas e oferece aos usuários das redes sociais identidades hipostasiadas, substancializadas pela lógica recursiva algorítmica de abastecimento. Desse modo, o Mercado, notadamente o capitalismo de plataforma, protagoniza a sincronização temporal e espacial em uma espécie de “operação historiográfica neoliberal”, termo que Avila toma emprestado de Rodrigo Turin. Essa operação ataca os postos de trabalho estáveis da universidade, sua autonomia de investigação e de criação e suas políticas de fomento, transformando a vida universitária em uma intensa competição produtivista entre acadêmicos “empresários de si”. Como bem sintetiza o autor, pretende-se transformar a vida acadêmica em um “enorme *Twitter*, sem qualquer regulação que não a dos interesses privados dos investidores e indivíduos, onde o que é mais rentável ou popular se impõe à verificação rigorosa e à responsabilidade investigativa” (p. 53). Por isso, Avila assume a precaução de, acima de qualquer exercício indisciplinado, defender a autonomia da universidade e, principalmente, da historiografia, ainda que ela precise provar mais uma vez sua legitimidade perante a sociedade sobre e a qual fala. São essas reticências que o forçam a usar a grafia “(in)disciplina”, salientando a ambiguidade da expressão.

Os capítulos seguintes da obra desdobram a tarefa dessa indisciplina se apropriando de outros teóricos e filósofos. A começar pelo conceito de “passado prático” de Hayden White, que possui uma forte influência na trajetória de Avila. O pragmatismo de White, sugere o autor, o leva a desvelar o tempo impensado pelos/as historiadores/as: o presente. O passado deve deixar de ser uma substancialização de fatos e passar a ser reconhecido como uma prática sempre presente e engajada. White exigiria também que se admitisse de uma vez por todas que o relato do passado não é propriedade dos/as historiadores/as, e, por sua vez, a verdade científica produzida pelos protocolos disciplinares está longe de ser a única possível e disponível. Não há saída, portanto, para a pluralização historiográfica que avizinha as agendas de investigação dos departamentos de História. Também não há escapatória para o enfrentamento público sob o qual os/as historiadores/as precisam negociar suas produções. É nisso que se baseia o projeto de Avila: demonstrar que as bases da imaginação que formaliza os textos acadêmicos são políticas e precisam ser consideradas em suas consequências éticas. É isso que o autor chama, com ajuda de Fredric Jameson, de performatividade da escrita da História: uma prática que opera o tempo ao passo que o constrói, oferece corpo, direção, sentido e age diretamente no dinamismo corrente das transformações

sociais; “uma periodização ou uma temporalização específica auxiliam na conformação da compreensão acerca dos ‘tempos em que vivemos’ e é parte fundamental das lutas políticas que nos ajudam a definir a tessitura do próprio presente” (p. 95).

Em entrevista ao canal do Laboratório de Estudos em Teoria, Historicidade e Estética (Lethe), da Unirio, Allan K. Pereira e Marcello Assunção, dois historiadores negros e teóricos no Brasil, defenderam que a indisciplina é um pressuposto na intelectualidade negra, o que corresponde à produção da vida frente à racialidade da herança “ontopistemológica” ocidental.<sup>7</sup> Arthur Avila não rejeita esse argumento, e demonstra tal posição abarcando essas tradições como exceções ao protocolo disciplinar – como o caso da historiografia contemporânea sobre a escravidão, muito influenciada por intelectuais negros/as que utilizam uma metodologia chamada de “fabulação crítica”.<sup>8</sup> Nos capítulos finais de seu livro, Avila oferece análises empíricas para uma avaliação das “políticas de tempo” que disputam as narrativas sobre o passado, o ensino da História e a autoridade das práticas historiográficas. Destaca-se o último capítulo, no qual Avila discorre sobre o Project 1619 do jornal *New York Times*.<sup>9</sup> Tal projeto defendeu que fora a escravidão, e não a guerra de independência e a democracia, que forneceu os alicerces de construção ética e moral do país norte-americano. Esse argumento não é uma novidade, ao menos não na tradição crítica afro-estadunidense. Ainda assim, o enredo narrativo assumido pelo jornal estadunidense – introduzido no conjunto de produções midiáticas, desde ensaios, fotografia e *podcasts* que rechearam o projeto – disparou um amplo debate em 2019. “De certa maneira”, avalia Avila, “esses ensaios compõem um todo narrativo que, a despeito de alguns paradoxos e tensões internas, realmente almeja reformular a imaginação histórica dos Estados Unidos” (p. 160). Como ele afirma, essa reformulação se mostra presente nos trabalhos de boa parte das correntes críticas da historiografia afro-estadunidense. O autor olha para o Project 1619 à sombra desses empreendimentos imaginativos da “tradição radical negra” – algo atestado por seu conjunto amplo de citações a autores/as como Ralph Ellison, Christina Sharpe, Cedric Robinson, Robin D. G. Kelley, James Baldwin, Saidiya Hartman. A partir disso, Avila é capaz de concluir que o próprio evento da escravidão é transformado em uma “temporalidade repetitiva”, que oferece os recursos para a atualização das práticas de terror e violência contra corpos negros em toda estrutura política americana, como é o caso das políticas de vigilância e de encarceramento em

<sup>7</sup> ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Morais e PEREIRA, Allan Kardec. *Teoria da história e a questão racial*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Of2jqZMvHNA>>. Acesso em 24 nov. 2021. Os autores desenvolveram esse argumento em artigos recentes. Ver ASSUNÇÃO, Marcelo Felisberto Morais e TRAPP, Rafael Petry. É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. *Revista Brasileira de História*, v. 41, set.-dez. 2021, e PEREIRA, Allan Kardec. Escritas insubmissas: indisciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 14, n. 36, Ouro Preto, 2021.

<sup>8</sup> Entre outras, ver HARTMAN, Saidiya. *Vênus em dois atos*. *Revista ECO-Pós*, v. 23, n. 3, Rio de Janeiro, 2020.

<sup>9</sup> Inspirando-se no Project 1619, será lançado este ano no Brasil o Projeto Querino, uma parceria entre a revista *Piauí*, a *Rádio Novelo* e o Instituto Ibirapitanga, liderada pelo jornalista Tiago Rogero. A tradução da iniciativa estadunidense demonstra a importância do debate proposto por Avila.

massa. Este é o melhor exemplo do que Avila defende como uma política performativa da temporalidade para a História.

O mérito do autor consiste em incorporar, como uma espécie de mistura, as críticas ao cânone em busca de uma síntese que configure uma resposta à abertura ao múltiplo. De alguma forma, Avila vagueia pelas trincheiras e encontra nas lutas locais aquilo que enriquece uma “totalidade-mundo”<sup>10</sup>, conceito de Édouard Glissant que me ajuda a desenhar o restante desse parágrafo. A indisciplina, acredito, é arma e ferramenta que pode ser levada às nossas lutas e aos nossos trabalhos, não apenas os de escrita, mas igualmente aqueles “artesanais” ou “mecânicos”, como os de extensão e orientação. Como tal, a indisciplina mira os territórios disciplinados, áridos e saturados onde os viventes esqueceram-se – ou foram forçados a esquecer – que, caso não diversifiquem a cultura, o solo empobrecerá. Os transeuntes que passam por tais territórios, que lá topam com uma ou outra coisa valiosa, conseguem apenas lamentar a seca, a mordaca e a grilagem. Nesses espaço-tempos, o trabalho acadêmico é transformado em um latifúndio.<sup>11</sup> Como arma e ferramenta, a indisciplina é oferecida aos povos que lutam pela terra, para cultivar o alimento e compartilhar suas benesses. O mundo que antes oferecia censura, desaparecimento e ocultação de cadáver, poderá receber os/as estrangeiros/as, proporcionar-lhes abrigo, cuidar de seus ferimentos e limpar seus pés. E o/a estrangeiro/a poderá compartilhar da terra, introduzir nela sua cultura e dividir seus proventos. Em outras palavras, segundo Glissant, a indisciplina pode cumprir o papel de abrir sua contraparte à imprevisibilidade da Relação. Portanto, sairíamos de um pensamento sistêmico, no qual disciplina e indisciplina funcionam como dois polos que se estabilizam.<sup>12</sup>

Essa potente mistura metodológica de Avila sofre, porém, de uma deficiência de escuta e de sensibilidade. Seu abstracionismo humanista desconsidera que o corpo importa tanto quanto a mente, qualquer que seja o projeto teórico. Quando a indisciplina do autor tematiza a liberação do poder criativo, da força estética do texto, ela esquece os corpos generificados e racializados que o encaram, atentamente, em sala de aula. Esses corpos se amarrotam no transporte público, muitas vezes dividindo itinerário com um trabalho precarizado, além de precisarem driblar as vigilâncias patriarcais e supremacistas que rodeiam e preenchem o *campus*. Por conta disso, é necessário repensar o trabalho da indisciplina sem fugir das tensões e conflitos que a vida impõe. Como arma, ou como ferramenta, a indisciplina pode ser pensada não apenas como poética, mas também como protética: ela estende os membros e os auxilia em suas tarefas, como faz um ancinho que ajuda as mãos a arar a terra no preparo do plantio. Em outros contextos, ela pode ser usada como proteção, como reconhecimento do direito à resistência e à sobrevivência na vida acadêmica e intelectual. De qualquer modo, a indisciplina deve andar junto ao corpo; do contrário, corre-se o risco de fazermos dela outra terra de garimpo

<sup>10</sup> GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Agradeço imensamente a Gabriela Mitidieri pelas conversas sobre a obra de Glissant.

<sup>11</sup> Penso na metáfora do latifúndio quando recordo conversas com o professor Rodrigo Turin.

<sup>12</sup> Tal argumento foi levantado no volume que a revista *História da Historiografia* dedica ao tema da indisciplina. Ver MUDROVICIC, María Inés, AVELAR, Alexandre de Sá e RODRIGUES, Lidiane Soares. Rebelia disciplinada? Introdução à “História como (in)disciplina”. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 14, n. 36, Ouro Preto, 2021.

para extração de textos acadêmicos. Se assim acontecer, seu nome perderá sua força combativa e passará a simplesmente preencher os currículos Lattes. Tornar-se-á, então, um artifício ilusório para os/as jovens que ainda creem na pesquisa e na ciência como prática de uma boa vida.

Arthur Avila está entre os responsáveis por esticar a corda do projeto da indisciplina no Brasil, algo que segue um movimento amplo e internacional de revisão dos pilares epistemológicos e ontológicos nas ciências humanas. Os textos que integram sua obra guiam o/a leitor/a em meio a caminhos tortuosos, labirínticos, de um presente que escapa à nossa compreensão. A prática que Avila oferece deve, no entanto, ser estendida, ou desapropriada, e propiciar alternativas para aqueles/as privados/as dos frutos da terra. A indisciplina pode ser assumida como uma recusa cética diante das promessas produtivistas das disciplinas tradicionais. Como arma, ou ferramenta, a indisciplina é um ponto de partida na construção de novas misturas que reorientam nossas agendas em torno não somente do que é político, como também do que constitui nossas vidas.

*Resenha recebida em 28 de abril de 2022. Aprovada em 15 de junho de 2022.*